

### **As partituras de Armando Leça para filmes mudos portugueses**

Manuel Deniz Silva, NOVA-FCSH, Bárbara Carvalho, NOVA-FCSH

A produção pioneira de longas-metragens de ficção pela portuense Invicta Film, entre o final dos anos dez e o início dos anos vinte do século passado, constituiu um momento fundamental no desenvolvimento do cinema mudo português. Uma das normas estéticas que norteou a sua produção foi o uso de música original, uma prática que contribuiu não apenas para a legitimidade cultural dos seus filmes como para reforçar a identificação destes enquanto objectos “tipicamente portugueses”. Logo desde a primeira longa-metragem — “*A Rosa do Adro*” (1919) —, a Invicta Film trabalhou em conjunto com o folclorista Armando Leça, que seria depois responsável pela música composta para “*Os Fidalgos da Casa Mourisca*” (1921) e “*Amar de Perdição*” (1921). Nesta comunicação, apresentaremos o projeto desenvolvido pela NOVA FCSH de edição das partituras para cinema mudo de Armando Leça, que resultará na inclusão da gravação destas obras na futura edição em DVD dos filmes da Invicta Film, no contexto de uma parceria com a Cinemateca Portuguesa e a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Serão abordados os desafios colocados pela investigação destas fontes musicais, assim como o seu possível contributo para os processos de restauro dos respetivos filmes e para um melhor conhecimento das práticas de exibição cinematográfica durante esse período.

### **Do pequeno formato cinematográfico como instrumento de pesquisa: o caso paradigmático do *Auto da Floripes* (1963)**

Pedro Mota Tavares (FLUP/CPC-CCP)

A presente comunicação prende-se com a análise do filme coletivo realizado pela Secção Experimental do Cineclub do Porto, no Lugar das Neves, em 1959. Partindo das comemorações que ocorrem todos os anos no dia 5 de agosto, no âmbito das quais se presta tributo à padroeira de Nossa Senhora das Neves, o “*Auto da Floripes*” resulta de uma ideia de Henrique Alves Costa (1910-1988), que pretendia assim registar a representação da peça homónima, de acordo com a sua importância simbólica no seio da comunidade. É seguro afirmar que este filme reflete uma vontade em incorporar um ponto de vista simultaneamente participativo e analítico em torno das tradições que compõem a cultura popular? Os objetivos prendem-se assim com a análise do contributo específico da imagem em movimento — designadamente no que concerne o pequeno formato de suporte película (16 mm) — em prol da perceção do fenómeno e à luz do seu enraizamento cultural. Pretende-se avaliar, concomitantemente, o modo como o “*Auto da Floripes*” influenciou o trabalho do cineasta Manoel de Oliveira (1908-2015), aquando da realização do “*Acto da Primavera*”, em 1962.

### **O cinema e o povo**

Paulo Cunha, Universidade da Beira Interior/LabCom.IFP

“*As Armas e o Povo*”, filme rodado por um coletivo entre 25 de Abril e 1 de Maio de 1974 é, sem dúvida, a mais emblemática obra cinematográfica do período revolucionário em Portugal após 48 anos de ditadura. Apesar do seu valor documental único, o filme nunca estreou comercialmente nas salas portuguesas, tendo sido exibido raras vezes e ante-estreado apenas em novembro de 1977, durante o Festival de Cinema de Santarém. O objetivo desta comunicação será analisar o contexto de produção e de circulação desse importante filme, procurando refletir sobre a sua singular condição de obra cinematográfica coletiva e anónima que serve de guia também ao processo revolucionário do próprio sector cinematográfico em Portugal.